UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ – REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
CURSO DE HISTÓRIA

MATHEUS RODRIGUES MORIJO

A INVASÃO MONGOL DO NORTE DA CHINA: OS PRECEDENTES E MOTIVAÇÕES

Sorocaba/SP
2022

MATHEUS RODRIGUES MORIJO

A INVASÃO MONGOL DO NORTE DA CHINA: OS PRECEDENTES E MOTIVAÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Diploma de Graduação em História (Licenciatura) da Universidade de Sorocaba

Orientador: Prof. Dr. Walter Cruz Swensson Júnior

Sorocaba/SP

2022

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a invasão mongol no Norte da China, a partir da primeira década do décimo segundo século. O enfoque está nos precedentes e as motivações por detrás da primeira, de muitas, conquistas mongóis. O trabalho foi feito a partir de uma bibliografia focada na personalidade de Gêngis Khan, Temujin, o fundador do Império Mongol, documentos que elucidam as relações diplomáticas entre os Estados chineses e a Mongólia no começo do primeiro milênio. Ademais, fez-se necessário uma bibliografia básica sobre a própria composição do Império Mongol e as tribos que o formaram, para compreender o cenário analisado. Visto que há pouco conhecimento geral sobre o chamado Extremo Oriente, as referências bibliográficas tiveram de ir além do tema em específico. Discorreu-se, então uma contribuição para as pesquisas acerca das primeiras conquistas mongólicas, contrapondo os dois mundos diferentes que estiveram em guerra durante décadas.

Palavras-chave: Império Mongol. Gêngis Khan. Temujin. China. Invasão.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the Mongol invasion in North China, beginning in the first decade of the twelfth century. The focus is on the precedents and motivations behind the first of many Mongol conquests. The research was done from a bibliography focusing on the personality of Genghis Khan, Temujin, the founder of the Mongol Empire, documents and previous research about the diplomatic relations between the Chinese states and Mongolia at the beginning of the first millennium. Moreover, a basic bibliography about the very composition of the Mongol Empire and the tribes that formed it was necessary to understand the scenario analyzed. Since there is little general knowledge about the so-called Far East, the bibliographical references had to go beyond the specific theme. Then a contribution was made to the researchs about the first Mongol conquests, contrasting the two different worlds that were at war for decades.

Palavras-chave: Mongol Empire. Genghis Khan. Temudjin. China. Invasion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6
1. TEMUDJIN, UNIFICADOR, GUERREIRO E HOMEM 12
2. AS RELAÇÕES ENTRE MONGÓLIA E CHINA 18
3. A INVASÃO MONGOL 21
3.1. EXÉRCITO MONGOL 23
3.2. AS MOTIVAÇÕES MONGÓIS 26
CONCLUSÃO 30
BIBLIOGRAFIA 32

INTRODUÇÃO

É muito comum encontrar na rede mundial de computadores a seguinte afirmação: o Império Mongol foi o império de maior território contínuo. Isto é, sem contar ilhas e colônias, como o caso dos impérios marítimos (Reino Unido, Espanha, Portugal). É uma frase surpreendente e até certo ponto chocante. Pois, de maneira geral, no senso comum, lembra-se de outros Estados que ocuparam grandes porções de terra, como o Império Romano, o de Alexandre, o Grande, o Turco-Otomano e assim por diante. O chamado Extremo Oriente, é por vezes, esquecido. Normalmente eles são lembrados como os 'invasores' do Oriente, como é o caso dos mongóis, dos hunos e até mesmo dos turcos-otomanos.

Os povos que lançavam essas ondas de conquistadores e principalmente saqueadores, para os europeus, eram de terras desconhecidas e costumes estranhos. Como um castigo de Deus, esses nômades eram colocados todos em uma só classificação: bárbaros. Sua terra natal e diferenças étnicas-culturais eram desprezadas. Não apenas pelos europeus, mas também por chineses, árabes e indianos. O primeiro grupo, por exemplo, ignora de maneira proposital a tentativa de compreensão sobre os nômades, tendo-os como inferiores e bárbaros. Uma das explicações dada era a falta de 'civilidade', através de um modo de vida sem raízes – o nomadismo.[1]

Um dos fatores contribuintes para essa espécie de lacuna na História da região é a falta de fontes diretas. Não há, até o momento, registros mongóis conhecidos, além da História Secreta dos Mongóis, a qual é fundamental para o entendimento da formação do império Mongol e de Gêngis Khan, porém, deve ser tratada com cautela. Seu valor histórico é questionado e até mesmo considerado por alguns como nulo enquanto fonte.[2] As fontes mais utilizadas, além da História Secreta, são a história oficial da dinastia Yuan (*Yuanshi*), a *Collected Chronicles* (do historiador persa Rashid al-Din), crônicas de viajantes (como Marco Polo e Carpini) e crônicas russas e georgianas/armênias. A maioria das fontes supracitadas foram produzidas

[1] (HOÀNG, 2002, p. 37)

[2] É o caso do pesquisador Arthur Waley. Para ele, A História Secreta dos Mongóis, não tem valor histórico algum.

posteriormente e, importante ressaltar, as produzidas nas regiões conquistadas têm a tendência de focar na destruição provocada pelos mongóis.

Houve, no entanto, nos últimos anos, um grande avanço nas pesquisas com relação tanto ao império mongol quanto ao seu fundador, Temudjin. Explicado tanto pelo crescente interesse em fundamentar uma ideia de nação na Mongólia, com esse período sendo um dos momentos fundadores. Além da perspectiva chinesa, de incorporar o domínio mongol à sua História milenar. A influência mongol sobre a China foi grande, tanto política quanto cultural. Algumas personagens mongóis são vistas pelos chineses como parte da fundação da própria nação, como é o caso de Kublai Khan, fundador da Dinastia Yuan (grafada em português como Iuã). Dinastia essa que chegou a dominar toda a extensão da atual China por quase um século (de 1271 até 1368). A raiz da dinastia Yuan está nas tribos mongólicas, que até o início do século XIII não eram um Estado unificado.

O império mongol, como é conhecida a associação de tribos mongólicas no período entre 1206 até 1368, teve uma figura central para sua formação: Temudjin. Importante ressaltar que essa figura histórica tem diversas nomenclaturas, como Temujin, Temüjin e Temudjin. Neste presente trabalho, será utilizada a última forma de escrita. O primeiro Gêngis Khan (ou, Cinggis Khan) (o *khan*-oceânico[3], ou o Cã dos Cãs) foi o responsável por unificar as diversas tribos mongólicas sobre uma só bandeira. Um dos mais conhecidos generais e conquistadores da História, finalizou a unificação das tribos locais com aproximadamente 50 anos, admitindo sua data de nascimento como 1155.[4]

Em 1206, uma assembleia elegeu Temujin como Gêngis Khan. A eleição de uma figura central, antes desconhecida, representa para alguns pesquisadores, como Elaine Senise Barbosa, uma procura por unificação.[5] Visto que o espaço político compreendido como Mongólia era instável. Haviam muitos chefes e as confederações

[3] (HOÀNG, 2002, p. 119)

[4] Como René Grousset, Walther Heissig e Munkuev o fez.

[5] (BARBOSA, 2006, p. 138)

(a união de diversos Estados com um propósito)[6] eram efêmeras.[7] Em síntese, não havia nenhuma tribo ou grupo hegemônico, eles eram relativamente parelhos no quesito poder. Essa tentativa de unificação pode estar calcada no carisma e capacidade diplomática de Temudjin.

As conquistas das tribos locais carecem de informações mais precisas, no entanto, sabe-se que algumas tribos não foram conquistadas pela força militar, submeteram-se ao domínio de Temudjin por acordos diplomáticos. Desde cedo, o guerreiro Temudjin tinha muito prestígio, não apenas pela sua família ser composta por chefes clânicos, também pelos seus feitos em batalha. No entanto, sua ascensão não foi incontestada. Seu *anda* (irmão de sangue) Jamuca foi seu principal rival no interior da Mongólia. Por diversas vezes ele reuniu as tribos que não tinham se prostrado perante Temudjin para formar uma coalizão contrária ao seu irmão de sangue.

Os rivais mantiveram lutas e escaramuças por anos, até que os próprios homens de Jamuca o entregaram ao Gêngis Khan. Este, ainda procurando o apoio de seu *anda*, chamou-o para estar ao seu lado. Jamuca recusou a proposta e pediu uma morte honrada, a qual foi concebida a ele. Assim, Temudjin era, de maneira incontestável, o único *khan* da Mongólia. Em 1206, após uma nova *quriltai* (reunião tribal), ele foi reafirmado como Gêngis Khan. Só a partir de então que as tribos começaram a utilizar o termo mongol para si mesmas.[8]

Após a conquista e consolidação do seu poder na sua terra natal, Gêngis Khan voltou suas atenções para a China.[9] À época, dividida em três Estados: o império Song, o império Jin e o império Minyak.[10] O território dos Song correspondia à China Meridional; já o Jin abrangia a porção central e nordeste do território chinês atual; por fim, o Minyak ocupava o noroeste, além da Grande Muralha. Anteriormente, os nômades mongóis já tinham relações belicosas com os impérios chineses, razias e

[6] De acordo com o *Oxford English Dictionary*

[7] (HOÀNG, 2002, p. 90-91)

[8] (BARBOSA, 2006, p. 139)

[9] (BARBOSA, 2006, p. 143)

[10] (HOÀNG, 2002, p. 192)

pequenas incursões militares eram relativamente comuns. No entanto, não se conhece nenhuma tentativa significativa de ocupação e incursão território adentro.

Ao invadir a China, Gêngis Khan se deparou com um problema tático: as cidades muradas. Nas estepes, não existem cidades com fortificações e defesas projetadas. Era uma situação inusitada para os guerreiros e generais. Seria a primeira guerra contra um Estado sedentário. Entretanto, apesar de mais demorada e com mais revezes, a campanha foi bem-sucedida: os Minyak se renderam aos mongóis, prestando ao Gêngis Khan sinal de lealdade e de seus serviços. Foi sua primeira vitória contra um Estado sedentário. Digno de nota, ademais, era o controle dos Minyak da Rota da Seda. Ao se tornar suserano do império Tangute (outra nomenclatura para o Minyak), Gêngis Khan e seu povo tiveram acesso à uma das rotas comerciais mais lucrativas e movimentadas do globo.[11] Essas incursões se estenderam de 1205 até 1209.

Em seguida, no ano de 1211, o Império Mongol declarou guerra ao Império Jin (ou Jurchen). Havia começado a conquista de um dos mais poderosos Estados chinês. O Império Jin tinha em seu território a Grande Muralha (atualmente conhecida como a Grande Muralha da China), construída com o intuito de repelir ataques dos chamados 'bárbaros' (os nômades mongólicos).[12] Porém, não foi o suficiente para impedir o ataque dos exércitos mongóis: os responsáveis por guarnecer as fortificações da Grande Muralha traíram os *jin*. Gêngis Khan ultrapassou a primeira linha de defesa sem maiores problemas.

Essa campanha foi marcada por expressivas vitórias em campos de batalha, pelo lado mongol, mas uma dificuldade aguda em submeter cidades muradas. O Império Jin contava com muitas fortalezas e as grandes cidades do seu domínio eram defendidas por muralhas. Um dos exemplos da dificuldade enfrentada por Gêngis Khan foi o cerco da capital dos *jin,* Pequim. O cerco demorou 4 anos e só foi encerrado por um acordo; os mongóis aliviaram o cerco após receber uma grande quantidade de pilhagem (moedas, pedras e metais preciosos).[13] Pode ser citado, também, o

[11] (BARBOSA, 2006, p. 143)

[12] (BARBOSA, 2006, p. 145)

[13] (BARBOSA, 2006, p. 146)

fracassado cerco da cidade de Datong.[14] Mesmo com o intuito de melhorar suas habilidades e capacidade de cercar, o exército mongol falhou em tomar a cidade e se retirou.

A campanha mongol contou com incitação para ataques tangutes e revoltas locais contra a dinastia Jin. Para o pesquisador militar Carl Frederik Sverdrup, "a revolta Daming e as ofensivas tangutes eram distrações menores".[15] No entanto, é interessante notar como os mongóis utilizavam diferentes táticas de guerra, até mesmo espionagem e incitação de revoltas. Os *jin* tinham que lidar não apenas com os invasores nômades, mas também com instabilidade interna. Muitos generais e comandantes responsáveis por fortalezas foram retirados de seus postos após sofrer revés. Não houve uma unidade entre o próprio imperador e seus comandantes.[16] Assim, a tarefa de organizar uma defesa coordenada e mais rígida tornou-se muito difícil.

A guerra contra a dinastia Jurchen se prolonga até 1234, quando o imperador Aizong (Ningjiasu é seu nome pessoal) cometeu suicídio após Caizhou cair. Anteriormente, outras capitais dos *jin* se renderam aos mongóis. Em 1215, Yanjing (nome antigo de Pequim) é submetida pelos exércitos gengiscânidas e o então imperador, Xuanzong, simula uma rendição, apenas para mudar para Kaifeng a sede do seu império. Essa nova capital também foi conquistada, 17 anos depois, em 1232. Fato que originou a fuga do imperador Aizong para Caizhou.

O fundador do império mongol não presenciou a derrocada do império Jin. No entanto, seus descendentes continuaram a empreitada de tomada dos Estados chineses. Muitas das vezes, deixada de lado, as campanhas militares mongóis em terras chinesas, por vezes, contaram com mais guerreiros do que as campanhas na Ásia Central, Ásia Menor e Europa Oriental. A primeira expansão para além do espaço mongol é a guerra contra os Minyak, no Noroeste das fronteiras chinesas contemporâneas, em 1211. Já em 1218, sete anos depois, Caraquitai (ou Grande Liao) é anexada pelo império gengiscânida. Eles avançam sobre a Ásia Central. Ao

[14] (SVERDRUP, 2017, p. 112)

[15] Tradução livre do autor (SVERDRUP, 2017, p. 113)

[16] (BARBOSA, 2006, p. 145)

mesmo tempo, invadem a Coréia. O ano de 1219 é o marco do início dos ataques ao Império Corásmio, governado por uma dinastia turcomana com influências persa. Os exércitos mongóis marchavam sobre o acidentado terreno da região do Afeganistão, Irã e Pérsia.

A chegada aos 'portões da Europa', *de facto*, não foi alcançada por campanhas lideradas pessoalmente por Temudjin. Tampouco o domínio integral da China. À época de sua morte, seus domínios se estendiam até o Mar Cáspio. É notório, também, o desejo dos mongóis de conquistar o oeste Europeu e não se limitar ao leste.[17] Para eles, os seus domínios deveriam ser toda a extensão da Terra, uma vez que Gêngis Khan teria sido escolhido para governar todos os povos. No entanto, essa empreitada falha e progressivamente eles são repelidos até mesmo do leste europeu.

Os exércitos dos seus descendentes expandiram os domínios mongóis até a *Rus*, no ocidente, e até a costa do mar de Okhotsk, no oriente. Até uma das civilizações milenares à época foram dominadas por Gêngis Khan: a China. É importante ressaltar que a conquista do território chinês de maneira integral foi concluída por seus descendentes somente.

O impacto do Império Mongol para o mundo é incalculável. Governou milhões de almas de regiões, religiões e culturas distintas por décadas. Em alguns lugares, essa influência se estendeu até o início do século XVI, na região da Rússia, com a Horda Dourada (uma fragmentação advinda do império Mongol).

A conquista de um extenso espaço deriva de uma série de fatores sociais, políticos, militares e históricos. No caso dos mongóis, sem muitos alongamentos: a sociedade tinha características belicosas; a política implementada pelo fundador do império quase que exigia a conquista do máximo de terras e, no caso militar, foi fundamentada por reformas e uma organização extremamente meticulosa e considerada por muitos historiadores militares como 'genial'.

Com um império tão extenso, com diferentes *fronts* e terrenos, qual seria a importância dada pelos mongóis, mais precisamente Temudjin, para os espaços chineses? Afinal, as histórias dos dois povos estão entrelaçadas desde antes da

[17] (MCLYNN, 2015, p. 483)

ascensão de Gêngis Khan. O imperador chinês demandava dos povos mongóis impostos desde a dinastia Tang. Os nômades, por sua vez, de tempos em tempos promoviam razias e assaltos a vilas além da Grande Muralha.

Este presente trabalho utilizará das fontes chinesas, principalmente as crônicas dinásticas, como a *Jinshi* (crônica da dinastia *Jin*), *Songshi* (da dinastia *Song*) *e Yuanshi* (da dinastia *Yuan*). Além disso, pesquisadores da história militar, como Carl Fredrik Sverdrup, auxiliarão na compreensão do processo de conquista do Norte da China. Será analisado, também, o contexto geral da China dos séculos XII e XIII e, também, as relações entre as tribos mongólicas e os Estados chineses.

A hipótese trabalhada é, como dito anteriormente, relativa às motivações da conquista da China e qual a importância dada pelos mongóis a essas campanhas. Afinal, seriam motivações econômicas? Ou talvez política? É sabido que a China sempre foi uma região rica economicamente, com um grande número de pessoas vivendo nela, o que, à época, significava uma espécie de riqueza. Sem contar a Rota da Seda, uma das rotas comerciais mais ativas e extensas do período, ligando uma série de povos, culturas, produtos e mercadorias umas às outras. O acesso à Rota da Seda pode ter sido uma das motivações para que Gêngis Khan voltasse seus olhos para o reino dos Minyak. A riqueza econômica dos *Jin* e *Song* também podem ter sido motivo para a invasão mongol. Por fim, a ligação entre os povos mongol e chinês data de séculos antes do período escolhido. Tendo uma estreita relação de submissão deste primeiro ao segundo, pelo sistema *Cefeng*. O qual era a maneira de submeter os povos vizinhos, por meio de tributos. Conquanto, não deve ser descartada a hipótese de uma variedade de fatores motivadores para a invasão de Temudjin aos territórios chineses.

1. TEMUDJIN, UNIFICADOR, GUERREIRO E HOMEM

A maneira de fazer História tendo como enfoque grandes líderes, as chamadas grandes personalidades, é problemática. Principalmente por uma questão básica: essa História é contada de uma maneira específica, ou para demonstrar que tal personagem histórico é mau, ou bom. Ou justificar ou condenar suas ações, métodos

e realizações. Além de, por vezes, ser envolvida pela teleologia[18], fazendo com que a análise seja comprometida. Por isso, é importante cercar-se de cuidado ao falar de um 'grande líder'.

Não é diferente com Temudjin, principalmente quando ele se torna Gêngis Khan. As palavras já surgem à cabeça, principalmente quanto ao seu caráter: impiedoso, sádico, estrategista e assim por diante. Antes de Temudjin ser Temudjin, ele é Gêngis Khan, unificador e fundador de um dos maiores impérios do mundo. Entretanto, a análise cuidadosa de seu caráter demonstra uma complexidade muito maior do que a imaginada, complexidade essa inerente ao ser humano. Consequentemente, ao nos debruçarmos sobre um dos mais conhecidos escritos sobre o caráter pessoal de Temudjin, deparamo-nos com adjetivos considerados positivos e negativos, como justo, generoso, talentoso e desonesto, vingativo e até estúpido.[19]

Uma das características do senso comum e do especialista McLynn que convergem é a sua genialidade. Principalmente com relação à política. Há algumas divergências sobre sua capacidade de estratégia militar, no entanto, não há nenhuma quanto à aptidão política. Diz-se que um antepassado seu o fez, o último *khan* das tribos mongólicas. Depois, apenas Temudjin conseguiu ser considerado o *khan* da Mongólia. De fato, unificar tribos mongólicas tão descentralizadas e submeter as tribos vizinhas de fato não é simples. Depois de Temudjin, a Mongólia passou a se entender e comportar como um Estado unificado.

No caráter privado, os relatos demonstram um homem nervoso, com acesso de raiva e muitas vezes desconfiado de todas as pessoas próximas. A tônica do comportamento de Temudjin revela quase uma paranóia generalizada. Imaginava conspiração, sem distinção, desde as pessoas mais próximas, como parentes, até

[18] Estudo feito com o fim como objetivo. No caso de História, analisar o fim histórico como o 'início' de sua pesquisa, sem levar em consideração as possibilidades históricas daquele momento analisado.

[19] (McLynn, 2015, p.152)

aliados. McLynn diz: “he put to death about a dozen potential pretenders and fell into a rage at the mere thought that a kinsman might be encroaching on his prerogatives.”[20]

O historiador britânico dá ênfase na paranoia que cercou a corte de Gêngis durante quase todo o seu governo. Nem mesmo os seus parentes próximos se salvaram da desconfiança de Temudjin. Até mesmo rumores eram justificativas para perseguição e tentar desfazer a suposta conspiração.[21] Seus momentos de ira eram temidos, pois ele era imprevisível: poderia ou perdoar uma ofensa passível de punição, ou ordenar a execução de um de seus secretários após não ter traduzido literalmente uma carta (ele teria parafraseado e alterado a carta).[22]

Apesar de uma série de traços considerados ruins, Gêngis Khan era uma pessoa admirada, talvez pela sua capacidade política, ou pela sua tolerância e fascinação com o *outro*. É uma série de fatores que pode ter levado a ele ser apreciado até mesmo pelos seus inimigos. Na opinião de McLynn é porque ele é portador de expressivo *gravitas*. Conceito romano, fundamental para entender a ética romana. Juntamente com a *dignitas*, *iustitia* e *pietas*, *gravitas* compõe o que é ser ético para tal sociedade. Em resumo, *gravitas* é o compromisso com o dever e a honra. Uma característica que carrega consigo a seriedade em ser honrado e promover a honra. Assim, para McLynn, Gêngis Khan era portador de *gravitas,* além de ser reconhecido por tê-la. A legitimidade de Gêngis Khan não está baseada exclusivamente na imposição militar.

Não apenas a *gravitas*, ele era portador, de acordo com diversos relatos, de muitas qualidades. Ele era um bom ouvinte, fato contribuinte para governabilidade de um império vasto e com muitas diferenças. Aberto a outras culturas e religiões, Temujin raramente suprimiu minorias étnicas ou religiosas em seu governo. Inclusive, os nestorianos[23] eram bem aceitos na corte mongol e tiveram um papel fundamental

[20] Tradução livre: ele ordenou que matassem aproximadamente uma dúzia de potenciais pretendentes e ficou furioso apenas de imaginar que um de seus parentes poderia invadir suas atribuições. (MCLYNN, 2015, p. 154)

[21] (MCLYNN, 2015, p. 154)

[22] (MCLYNN, 2015, p. 154)

[23] MORAIS, José Simões de. **Os primeiros católicos na China**. 2016. Disponível em: https://hojemacau.com.mo/2016/02/26/os-primeiros-catolicos-na-china/. Acesso em: 03 nov. 2022.

na chegada do cristianismo no Extremo Oriente. Os mongóis, como informa José Simões Morais[24], eram muito receptivos a estrangeiros, contanto que eles respeitassem a soberania mongol.

Inclusive, as viagens de mercadores, especialmente os italianos, para a Rota da Seda tornou-se mais cômoda após o domínio do império mongol sobre a rota comercial, principalmente pela tolerância a estrangeiros. Assim, é visto um caráter aberto ao diálogo com diferentes culturas, religiões e costumes. Gêngis Khan exigia apenas uma coisa dos seus súditos e visitantes: respeito à sua figura como a de Khan dos Khans, de Khan Oceânico.

Apesar do retrato de Gêngis Khan pelo senso comum ser de um governante raivoso, odioso, intolerante, egoísta e individualista, após uma análise mais meticulosa, vê-se uma imagem diferente. Não pode ser desconsiderado seu lado explosivo e imprevisível, representado por seus acessos de raiva; sua paranoia excessiva, principalmente com pessoas próximas, era determinante para uma política de dualismo: lealdade absoluta ou traição. Para Temujin, seus conselheiros e imediatos não poderiam ser 'meio termo', ele impunha lealdade total, se não fosse dessa maneira, então era traição. O mínimo desvio de conduta deles era o suficiente para serem afastados de seus cargos e, por vezes, mortos. Temujin era uma figura complexa, com admiráveis e deploráveis atributos.

Temujin pode ser considerado vingativo? Baseado em relatos, como os dos viajantes italianos que recontavam a história do início de sua carreira política, isso também era ambíguo. Jamuca, seu *anda* traiu diversas vezes a confiança do Gêngis Khan, no entanto, após a derrota final, este ofereceu perdão integral ao primeiro, prometendo que o admitiria em suas fileiras como um general de confiança.[25] Antes mesmo da derrota final, o Khan mongol prometeu mercê ao seu antigo *anda.* Jamuca não aceitou, inclusive a última oferta, e pediu uma morte honesta e nobre, sem derramamento de sangue. Temujin respeitou o último desejo de seu antigo amigo e ofereceu a ele uma morte nobre. Em contrapartida, os relatos de represálias por parte

[24] (MORAIS, 2016)

[25] (RACHEWILTZ, 2015, p. 122)

do líder da confederação mongólica são muitos. A maior parte deles é quando exércitos, povos ou governantes recusavam a soberania ou a vitória de Temujin.

Um dos incidentes merecedores de atenção é o que marca o avanço sobre a Pérsia. O Xá do Império Corásmio quebrou um acordo feito com os mongóis. A resposta de Gêngis Khan foi a de invadir o Império Corásmio e se comportar da maneira mais violenta possível. Todos os cercos resultaram em massacre da população local. De acordo com algumas fontes, como Steven R. Ward[26], os números de mortos desse conflito ultrapassam a casa dos milhões. Os relatos dos cercos é o que, acima dos números, revela o caráter das incursões mongóis nessa guerra. A finalidade de Gêngis Khan era punir os corásmios por ter quebrado seu acordo e assassinado seus emissários. Os súditos do Império Mongol, aqueles não integrados por completo, tinham a obrigação de oferecer tropas ao Khan em conflitos. Os Tangutes, do Império Xia Ocidental, não enviaram suas tropas para auxiliar os mongóis. Assim, após a destruição e massacre do Império Corásmio, Gêngis Khan se direcionou para os tangutes e como punição por não terem apoiado os mongóis em sua campanha no Irã arrasou as terras de Xia Ocidental. Ou seja, logo após iniciar uma guerra punitiva, já iniciou outra para punir aqueles que não fizeram sua parte na primeira guerra punitiva.

Até mesmo um de seus primeiros episódios na política mongol está relacionado com vingança. Desde criança, Temujin era prometido a Börte Üjin e vice-versa. Em uma manobra política, a tribo merquite sequestrou a futura esposa de Temujin. O pai de Gêngis Khan era um líder tribal influente, após sua morte, sua família se tornou desprotegida. O que pode ter feito com que os merquites não temessem uma retaliação por parte do clã de Temujin. Mesmo sem aliados, abandonados por sua tribo, o futuro governante do império mongol procurou uma forma de reaver sua esposa prometida. Ele, então, aliou-se ao *anda* de seu pai e conseguiu reunir um exército capaz de enfrentar a tribo inimiga. Depois que conseguiu salvar Börte das mãos dos merquites, Temujin puniu severamente todos os seus algozes.

[26] Immortal: A Military History of Iran and Its Armed Forces

A cultura mongol no tempo histórico de Temujin, influenciada por uma série de conflitos entre tribos quase que constantemente, tinha uma forte presença de vinganças. Os chamados *blood feuds*[27] eram comuns nas comunidades mongóis. Foi nesse cenário que o futuro Gêngis Khan nasceu e cresceu. Inclusive, há indícios de que seu pai foi assassinado em uma dessas vinganças familiares. Ele, ao chegar no poder, iniciou um processo de evitar com que essas vinganças ocorressem. Um dos motivos principais para que isso acontecesse é a estabilização. Quanto mais vinganças familiares, mais instabilidade interna o império mongol apresentaria. Sendo assim, na tentativa de estabilizar internamente seu domínio, Gêngis Khan teria centralizado o Estado em suas mãos.

A análise do comportamento do exército mongol e dos seus generais, encabeçado por Gêngis Khan, feita por Carl Fredrik Sverdrup, conclui que há diversos tipos de guerras. Algumas são de vingança, refletindo resquícios do comportamento dos *blood feuds*, como foi supracitado os casos da guerra contra o Império Corásmio e Xia Ocidental. Essas guerras demonstram um caráter destrutivo e implacável das tropas e líderes mongóis. Já outras, expressam um desejo expansionista, porém não destrutivo. Inclusive, as táticas mais utilizadas pelas forças mongóis era a de fazer com que a cidade ou fortaleza se rendam sem destruição, ou mortos. O objetivo, em tais conflitos, era a tomada das riquezas (inclusive a humana). Reforça-se que o valor moral de *bom* ou *ruim* não está aplicado em tal análise. Exerce como ponto de partida para entendimento de dois *tipos* de guerras empreendidas pelos mongóis: as de expansão e as de punição. Nesta última, acrescentam-se as rebeliões internas, as quais não foram poucas.

Por fim, vê-se um Temujin moldado pela sua infância, com um início de vida sofrido, principalmente por causa do assasinato de seu pai. Renegado por sua tribo, teve de sobreviver com sua família a duras penas, protagonizando até mesmo um episódio de assassinato de seu próprio irmão. Moldado, ademaiws, por seu tempo histórico, inserido em uma cultura com características específicas de tal período.

[27] Termo em inglês: vingança de sangue. Conceito utilizado para se referenciar aos conflitos entre dois grupos (normalmente tribais) que se estendia por gerações e era uma hostilidade entre dois (ou mais) clãs ou famílias. As duas partes se atacavam de diversas maneiras, como razias ao território do inimigo. Esses conflitos comumente perduravam por muito tempo, uma vez que depois de um ataque, a parte atacada vingava-se com um outro ataque e assim por diante, formando um ciclo.

Apesar de tentar promover a harmonia interna, criando estruturas hierárquicas muito bem definidas, as quais levavam a uma centralização de poder em suas mãos, Temujin agiu como seus antepassados. Não necessariamente com as 'vendetas familiares', porém, produziu diversas guerras vingativas visando àqueles que tentavam colocar em xeque sua legitimidade no poder.

2. AS RELAÇÕES ENTRE MONGÓLIA E CHINA

Analisar as relações entre os povos chinês e mongol é possível a partir de uma visão macro para o micro. Isto é, compreender relações diplomáticas chinesas de uma maneira geral e depois se aprofundar na específica entre os povos supracitados. A China unificada (a partir do segundo século a.E.C) tinha políticas específicas com vizinhos e países próximos de seu território.

A diplomacia internacional chinesa não é atemporal e imutável, é importante ressaltar que assim como a realidade diplomática geral, a chinesa se transformou em diferentes momentos. As prioridades alternam com o passar do tempo. Exemplificando: na dinastia Tang (581 d.E.C. - 618 d.E.C.), as tribos proto mongólicas eram tributárias do poder chinês. Em uma conquista militar promovida em 630 d.E.C., os *tang* combateram tribos turcas, para obter o controle da Mongólia Central.[28] A postura diplomática dos *tang* se caracterizava por uma tentativa de dominação militar e *concreta* do território. Entretanto, inicialmente, a postura da dinastia foi de assimilar os turcos, para que eles próprios fossem uma espécie de defesa da fronteira Norte.[29] A tentativa falha pouco tempo depois. Um irmão do líder turco Tuli[30], tentou assassinar o imperador Taizong. Episódio considerado como ponto crítico na já crescente tensão entre o poder central Tang e as tribos turcas. O conflito não foi curto, passaram cerca de um século desde o início das hostilidades até a morte do último *khagan* turco.

Observável a alternância na postura chinesa em um pequeno espaço de tempo. Podemos, também, lembrar-nos de um livro inteiro produzido por Wang Zhenping, o "Tang China in Multi-Polar Asia: A History of Diplomacy and War", focado integralmente na diplomacia na dinastia Tang. No livro, conclui-se o quão complexa é

[28] (ZHENPING, 2013, p. 36)
[29] (ZHENPING, 2013, p. 36)
[30] Um *khagan* 'menor'. Nascido Ashina Shibobi, em 602, foi um dos líderes turcos que se submeteram ao domínio dos Tang. Morreu em 632, como um dos líderes leais ao imperador Taizong.

a diplomacia na China. Voltando aos mongóis, como visto anteriormente, foram de uma região controlada indiretamente para uma região diretamente controlada. Além disso, as tribos mongólicas eram forçadas a prestarem homenagens e respeito ao imperador chinês, por meio dos tributos. O sistema de cobrança de tributos como forma de reconhecimento do domínio chinês se estendeu até o final do século XIX, quando a Coréia, última tributária, rompeu tais relações quando eclodiu a Primeira Guerra Sino-Japonesa[31]. Um importante detalhe a ser notado: o conceito de sistema de tributos é ocidental[32], pois, para os chineses, o sistema é muito mais complexo e com características inerentes ao confucionismo. Os chineses compreendiam e ainda compreendem esse sistema como *Cefeng*. Como parte de uma concepção diplomática, porém, anteriormente, como filosófica. Relaciona-se, também, com o *Mandato do Céu*. Ele dita a legitimidade dos governantes chineses. Diferentemente da definição ocidental medieval, ele é menos relacionado com sangue (nobreza) e intimamente com o governo do imperador ou rei (caso ele governasse de maneira insatisfatória, não era incomum surgirem revoltas e rebeliões que o derrubassem) . De acordo com o sinologista Ji-Young Lee, a concepção de "sistema de estados tributários" adveio de uma tentativa liberal-construtivista em compreender a história da hegemonia chinesa na Ásia.[33] Para Fairbank, a definição de sistema tributário, na realidade, é "a set of ideas and practices developed and perpetuated by the rulers of China over many centuries"[34]. Não um conceito fechado *de facto*. Além disso, há diferenças estruturais e culturais, como o trecho a seguir elucida:

> It is misleading to find modern Western equivalents for traditional Chinese institutions or concepts: they may resemble each other in structure or function, but they may have quite different significance when examined within the contexts of the traditional Confucian and modern Western societies. Rather, the tribute system must be understood, in all its ramifications, in terms of

[31] Conhecida pelos chineses como Guerra Jiawu, iniciou em 1894, pelos japoneses. Estes tinham interesse no domínio da Península coreana e como o Império Chinês era oficialmente o suserano da Coréia, a guerra foi travada entre o Império Japonês e o Império Chinês. Como resultado, o Japão vence a guerra e adiciona a Península coreana para sua esfera de influência, assim, a Coréia torna-se independente do Império Chinês.

[32] (LEE, 2016, p. 28)

[33] (LEE, 2016, p. 27-28)

[34] Um conjunto de ideias e práticas desenvolvidas e perpetuadas pelos governantes da China ao longo dos séculos. (Tradução livre). (FAIRBANK, 1968, p. 63)

> the vocabulary and institutions of traditional China. (FAIRBANK, 1968, p. 63)

Não há, para os chineses, nada que se assemelhe ao termo "tributário", uma vez que para eles, o sentido de hierarquia, legitimidade e autoridade são distintos do sentido ocidental de tais termos. E, afinal, por que discutir esse conceito? Porque a relação entre China e Mongólia é profundamente marcada pelo sistema supracitado.

No livro "Diplomacy and Trade in the Chinese World", de Hans Bielenstein[35], o autor se debruça nas missões diplomáticas nas cortes chinesas e os tributos pagos através de víveres e mercadorias. No caso dos turcos do leste (nome dado por Bielenstein às tribos proto-mongólicas), há dados desde 587 d.E.c. No período mais antigo, houveram 7 missões diplomáticas, envolvendo a entrega de produtos por parte das tribos mongólicas aos chineses. Foram realizadas, dentre 587 e 746, 77 missões diplomáticas e mais de 60 mil produtos contabilizados.[36] A China e a região das tribos mongólicas têm, como visto, uma relação desde pelo menos o sétimo século depois da Era Comum.

Outro ponto da conexão entre essas duas regiões é o *Khamag mongol* (pode ser traduzido para Todo Mongol). A primeira confederação mongólica (*khanlig*) que reuniu boa parte das tribos mongólicas. Foi uma força política dominante em tal área e, por sua abrangência territorial, considerada como precedente do Império Mongol, fundada por Temujin, Gêngis Khan. O avô deste foi o primeiro *khan* da Khamag Mongol. Kabhul Khan, ou Cabul Cã, repeliu ataques da dinastia *Jin*. Demonstração da relação hostil entre o Khamag Mongol e a dinastia do nordeste da China.

Pode ser concluído que tais conexões entre os mongóis e os chineses foram complexos e mutáveis. Ora era uma dominação indireta, com generais chineses responsáveis pelo controle da região; ora a dominação era direta, com uma anexação territorial; ora as tribos locais eram tributárias, no sistema Cefeng; por fim, o estado de guerra e hostilidade fez parte da relação China-Mongólia no decorrer da História. Para os chineses, as tribos nômades mongólicas eram bárbaros, incivilizados. Os

[35] Importante sinólogo sueco, nascido em 1920. Morreu em 2015 e dedicou-se por 45 anos aos estudos da China.

[36] (BIELENSTEIN, 2005, p. 405)

chineses tinham os seus vizinhos nômades como *Four Barbarians.*[37] Eram conhecidas as riquezas 'exóticas' dessas tribos e, por isso, as missões diplomáticas deveriam entregar presentes e mercadorias, como forma de reconhecimento do *Mandato do Céu* e submissão ao imperador chinês.

Essas relações precedentes à Temujin influenciaram as tomadas de decisões do futuro governante de toda a Mongólia. A história de sua família estava relacionada ao *Khamag Mongol*, que por sua vez estava relacionada com os estados do nordeste chinês. Analisaremos, mais adiante, se essas relações foram decisivas na primeira incursão mongol ao território chinês com o intuito de conquista e não apenas saquear suas riquezas. Até que ponto o 'revanchismo', se existiu, sobrepôs os interesses econômicos e políticos expansionistas na invasão do Norte da China por Gêngis Khan.

3. A INVASÃO MONGOL

Os grandes impérios terrestres eram dependentes, até certo ponto, de uma máquina de guerra. Um exército bem estabelecido, organizado e eficiente. A chamada "Arte da Guerra"[38], conhecida como "uma continuação de outros meios"[39], de acordo com o general prussiano Clausewitz, é tão antiga quanto a Humanidade. O estado de conflito armado com outro grupo, por território, por vingança ou até mesmo por recursos naturais e saques, data do mesolítico. Esse estado é generalizado, não individual, isso difere a *guerra* de um *conflito individual*. Perpassa, assim, a pessoa e abrange o grupo. Por ser um fator presente há muito tempo e em quase todas as sociedades, algumas das vezes sendo intrínseco à cultura, a guerra é estudada como uma outra disciplina qualquer. Existem teóricos militares, como é o caso do supracitado Clausewitz, o também já comentado Sun Tzu ou até mesmo o imperador Marco Aurélio, escritor de diversos tratados militares e reformista do exército romano.

[37] Termo em inglês, traduzido do chinês (四夷). Em português, lê-se "Quatro Bárbaros". A dinastia Zhou imaginava o mundo terreno plano e o céu redondo. No centro do mundo terreno, estava Huáxià (China) e em torno estavam os *bárbaros*.

[38] Transliterado como "Método Militar de Sun Tzu".

[39] Normalmente, a diplomacia. "A guerra é uma continuação da diplomacia". No entanto, John Keegan, elucida que são outros fatores envolvidos. (KEEGAN, 1994, p. 3)

Os mongóis formaram, assim como outros grandes impérios, um exército sistematizado, capaz e efetivo. A pesquisadora Barbosa afirma:

> Essa máquina de guerra apresentou um traço característico de muitos exércitos vitoriosos na história a valorização do mérito individual em detrimento das relações e hierarquias tradicionais. Os principais generais de Gêngis Khan não pertenciam às linhagens aristocráticas. Sob outro ângulo, pode-se ver aí uma estratégia contra pretensões usurpadoras (BARBOSA, 2006, p. 143)

Assim sendo, o império mongol seguiu um padrão, principalmente com relação à hierarquia. Uma vez que a composição do exército mongol era distinta, principalmente dos ocidentais: ele era constituído quase que absolutamente por cavaleiros. O corpo mais próximo de Gêngis Khan era de 10 mil homens, de acordo com Elaine[40]. A guarda pessoal numerosa demonstra o receio de Gêngis Khan com relação a atentados e a sua segurança. Um dos maiores medos do Cã dos Cãs era a traição, algo que assolou sua família e estava presente na nobreza mongol. Era muito comum os líderes das tribos mongólicas serem assassinados, inclusive por parentes próximos. A hierarquização sistematizada, a criação de um grupo de elite de guerreiros, a logística bem estabelecida são alguns dos fatores que ajudam a compreender a grandiosidade do exército mongol. No tocante à logística, Elaine afirma que os mensageiros do exército poderiam percorrer até 400 km por semana[41].

A vantagem do exército mongol sobre o seu adversário, principalmente a mobilidade, não é a *única* explicação para a conquista de extensos territórios, com diferentes povos, táticas e exércitos. Os mongóis, inclusive, tiveram dificuldades em sitiar as fortalezas chinesas, pois não tinham conhecimento bélico no tocante à cercos. Como os escritos de Sverdrup indicam, uma das maiores dificuldades encontradas pelos mongóis foram as cidades muradas e fortalezas chinesas.

Para manter cercos prolongados os homens recorriam aos saques contra as aldeias rurais, devastando os campos, escravizando e matando seus habitantes. Barbosa diz: "Em pouco tempo, não só o rei do *Minyak* teve dificuldade para manter unidas suas forças, como o desejo de resistir aos invasores reduziu-se sensivelmente e o reino

[40] (BARBOSA, 2006, p. 142)
[41] (BARBOSA, 2006, p. 142)

acabou aceitando prestar vassalagem a Gêngis Khan."[42] Ou seja, uma das principais estratégias utilizadas pelos mongóis não foi o cerco direto, mas sim minar as forças e lesar a vontade de lutar dos *Minyak*. *Já* com os *Jin*, em seguida, os mongóis saquearam diversas vilas camponesas para poder sustentar as campanhas no interior de seu território. Os mongóis continuaram a utilizar a tática de razia, até mesmo em uma guerra direta, de Estado contra Estado. Para contornar a dificuldade encontrada contra fortalezas e cidades muradas, os mongóis se utilizaram de engenheiros chineses desertores e árabes.

A conquista do Norte da China não foi fácil, os mongóis encontraram muitas dificuldades, não só as cidades muradas, como uma resistência bem organizada, principalmente após a rápida conquista dos Minyak. Os outros impérios além de temer a invasão mongol, começaram a se preparar para repelir ela caso acontecesse. Além disso, temos que considerar a grande extensão do que chamamos de China, além da grande quantidade de cidades. A conquista *de facto* da China não ocorreu no governo de Temujin, mas sim na de Kublai Khan, o quinto imperador mongol. Ela teve início em meados de 1212 e foi finalizada apenas em 1279, 67 anos depois, mais de meia década depois. A realidade é que a conquista da China, ou a Invasão da China, foi uma das mais difíceis, que envolveu milhões de vidas e grande esforço por parte dos mongóis.

3.1. EXÉRCITO MONGOL

O senso comum prega que as vitórias mongóis se resumiam à superioridade numérica deles, supondo que tais êxitos ocorriam devido à pura vantagem numérica. As evidências indicam justamente o oposto: nessas batalhas os mongóis estavam em *desvantagem*, com menos soldados. Então, o que fazia com que eles vencessem? Como a realidade material dificilmente é explicada por um único fator, podemos apontar alguns deles. Os generais mongóis são reconhecidamente habilidosos, alguns considerados até geniais, pelos especialistas em História Militar; a mobilidade do exército mongol foi determinante em muitos desses combates; as manobras

[42] (BARBOSA, 2006, p. 142)

utilizadas por eles enganavam os seus inimigos, estes imaginavam que os mongóis estavam se retirando, resultando assim em uma perseguição desordenada, combatida pelos mongóis por um contra-ataque.

A composição básica do exército mongol organizado por Gêngis Khan consistia em uma divisão decimal. A menor unidade, *arban*, continham 10 soldados. Dez *arbans* formavam um *jagun*. Dez *jaguns* resultavam em um *minghan*. Dez *minghans* compunham o *tumen*, com 10.000 soldados. Esta última era a maior unidade do exército, comparável a uma *companhia*. O exército mongol reunia, normalmente, um ou dois *tumens*. Cada uma dessa unidade tinha um responsável, o qual tinha a função de garantir que ela funcionasse como deveria, de acordo com as ordens expedidas. Em batalha, ele era dividido em três alas: a da esquerda (*Junghar*), da direita (*Baranghar*) e a central (*Khol*). A ala central era aquela que reunia os soldados de elite, a *Keshik* (A Guarda Imperial).

A disciplina dentro do exército mongol era rígida, incluindo chibatadas em caso de desobediência. A rigidez dentro do exército pode ter sido agravada pela hierarquização e organização sistemática, imposta por Gêngis Khan e seus generais. Eles entendiam que o pleno funcionamento de um exército decorria de um corpo de exército além de organizado, com duras regras.

Voltemos, agora, para os campos de batalhas no Norte da China. Os números do exército mongol, de acordo com Stephen Turnbull, eram equivalentes a um quarto do exército dos *Ch'in* (nomenclatura utilizada pelo autor para se referir aos *Jin).* Corroborando para a situação desfavorável dos nômades, nos escritos de Sverdrup é dito que eles tinham 120 mil soldados[43], contra aproximadamente 950 mil *Jin*.[44] Conclui-se, então, que a superioridade mongol não era estritamente numérica (em algumas batalhas, *de facto* era), no entanto, de maneira geral os mongóis tinham um exército muito menor.

Alia-se a desvantagem dos mongóis ao fato das cidades muradas e fortalezas. Fato quase inédito para os guerreiros nômades, que dificilmente ou nunca estiveram defronte cidades muradas. Stephen Turnbull diz que "Mongols preferred to deal with

[43] (SVERDRUP, 2017, p. 101)
[44] (SVERDRUP, 2012, p. 116)

the field forces of their enemies before penetrating very far into hostile territory", ou seja, era preferível o combate aberto; as batalhas campais eram as favorecidas pelos mongóis, uma vez que sabiam que seu exército tinha uma grande mobilidade e superioridade técnica com seus arqueiros montados. O calcanhar de Aquiles do exército mongol eram os cercos, como já dito. A situação específica dos mongóis nesse campo é digna de nota. É sabido que eles eram nômades, em toda a sua história eles se organizaram de tal maneira. Assim sendo, não haviam cidades estabelecidas de grande porte, com muitos habitantes, em sua maioria as concentrações populacionais mongóis se davam em tribos, com tendas e construções *temporárias*. Assim como a maioria das comunidades nômades, eles dependiam do clima, dos recursos naturais encontrados na região assentada. Paralelamente, justamente por serem nômades, os mongóis não tinham um número grande de habitantes, decorrente do modo de produção que tecnicamente impossibilitava a produção de excedentes. Podemos incorrer que Gêngis Khan nunca tinha combatido exércitos detrás de muralhas. Ao se deparar com fortalezas, os comandados de Temujin encontraram dificuldades e, inclusive, a tática adotada por eles era de não atacar diretamente a cidade, mas sim promover razias nos vilarejos próximos. Sverdrup diz que em uma ocasião, "Jebe camped in front of the city for some time before suddenly retreating, leaving his camp for the Jin to plunder. He then returned at night at the start of February and forced the gates on a completely surprised enemy. No attempt was made to hold the city, and Jebe left as quickly as he came."[45]

Gêngis Khan utilizava a meritocracia para condecorar seus homens com alguma espécie de comando. Um dos mais conhecidos de seus generais, Jebe Noyon, tornou-se comandante após ter atingido o próprio Gêngis Khan em uma batalha, quando ainda eram inimigos. Zurgadai, nome de nascimento, foi considerado leal e honesto por Temujin, aliado com sua nítida habilidade em combate, recebeu o perdão e foi recrutado para as tropas gengiscânidas. Outro importante nome do alto comando mongol, Sub'utei, tem uma história que pode demonstrar que sua ascensão está

[45] Tradução livre do autor: Jebe montou acampamento em frente à cidade por algum tempo antes de se retirar repentinamente, deixando seu acampamento para saquear *Jin*. Então, ele retornou em uma noite no começo de fevereiro e forçou a abertura dos portões e surpreendeu por completo seu inimigo. Não houve nenhuma tentativa em manter a cidade e Jebe deixou a cidade tão rapidamente quanto veio. (SVERDRUP, 2017, p. 107)

ligada à meritocracia. Seu pai, supostamente, era um ferreiro e não relacionado à 'nobreza'[46]. Sua ascensão até mesmo dentro do exército se deu mais por seus feitos em batalhas e sua inventividade do que por conexão política com Gêngis Khan. Sverdrup explicita que em 1203 Sub'utei salvou seu pai no lago Bartuna, com um carregamento de alimentos para o acampamento mongol. Após isso, sem detalhes, sua biografia diz que ele foi promovido para ser um dos quatro comandantes de todo o exército mongol.[47] Além do episódio de Bartuna, há outros que indicam que Sub'utei era um homem com feitos importantes para as campanhas. Apesar de ser obscura, a carreira dele é brilhante. Juntamente com Jebe, Qubilai e Jelme, Sub'utei compunha o chamado '*four hounds'*, oficiais operacionais que estavam à frente dos exércitos mongóis. Em contraponto com a ideia de Gêngis Khan promover apenas baseado em mérito, Sverdrup aponta que, na realidade, era uma mescla entre meritocracia e sistema feudal familiar.[48] Não podemos deixar de problematizar essa ideia de 'sistema feudal' apresentado por Sverdrup, uma vez que sabemos que esse conceito é restrito à realidade europeia, sobre condições econômicas, sociais e políticas *específicas*. O que nos importa, entretanto, é que dentre os indicados por Gêngis Khan, estavam também filhos de influentes famílias com a condição, nesses casos, de serem talentosos.[49]

Além desse corpo de generais talentosos, Gêngis Khan também contava com seus filhos enquanto generais. Todos eles começaram a comandar em 1211 e de fato eram os mais leais, uma vez que ele nunca teve problemas relacionados com isso.[50]

3.2. AS MOTIVAÇÕES MONGÓIS

Ao nos debruçarmos sobre o cenário econômico, podemos levar em consideração alguns fatores. O primeiro é a Rota da Seda, uma das rotas comerciais mais lucrativas e movimentadas da História da Humanidade. Oficialmente ela não tinha uma cidade inicial e um ponto final, todavia, em linhas gerais ela conectava a atual China e a Europa. Importante é a conexão cultural e econômica entre a Ásia Central e a China, a qual influenciou paralelamente as duas regiões. Para os mongóis, esse comércio

[46] (GABRIEL, 2004, p. 1)
[47] (SVERDRUP, 2017, p. 175)
[48] (SVERDRUP, 2017, p. 35)
[49] (SVERDRUP, 2017, p. 35)
[50] Sverdrup, p. 33

era negado geograficamente, uma vez que a tal Rota não penetrava em seu território, os poucos comerciantes mongóis tinham de viajar longas distâncias até alcançá-la. Ao conquistar o reino Tangute, o império mongol, pela primeira vez, teve acesso a mercadorias que eram comercializadas na Rota da Seda.[51] Além dos produtos, o contato cultural com a Ásia Central fez-se possível. David Curtis Wright vai além e argumenta que a conquista da China foi motivada pelo interesse na extração econômica, uma vez que:

> Genghis Khan himself, ever a pastoral nomad from the steppes, likely never intended to conquer and rule all of sedentary, agricultural China. At a minimum he did, however, intend to bring northern China under his sway and to extract its resources to finance his ongoing conquest campaigns against other peoples and territories. In the end, his campaigns in northern China proved so destructive that only he could govern the regions he had so thoroughly devastated. (The Encyclopedia of War, p.1)

Ou seja, a China serviria meramente como suporte econômico para o Império Mongol conquistar novas terras e outros povos. O assimilamento não era pretendido, ao analisar sob esse prisma. A conquista era com o único intuito de explorar os recursos naturais das terras chinesas, os quais não eram poucos. Um desses recursos visados era o ferro. É notório que o ferro fazia parte das guerras na região. Os exércitos utilizavam ferro para suas espadas, lanças e escudos. Um dos exemplos da ampla presença do ferro nos exércitos da região e também a demanda produzida é o caso explicitado por Hartwell, no qual o governo Song forneceu 35 mil espadas, 8 mil escudos e 10 mil lanças, além de aproximadamente um milhão de flechas para o exército[52]. De acordo com o cálculo do autor, isso resulta em 600 toneladas de ferro.

Elucidado pela informação trazida por Barbosa de que a Mongólia carecia de fontes naturais de ferro e normalmente este era contrabandeado da região chinesa, uma

[51] (BARBOSA, 2006, p. 144)
[52] (HARTWELL, 1962, p. 157)

vez que os imperadores proibiam o comércio com os nômades.[53] Uma das motivações para essa proibição era o enfraquecimento dos exércitos nômades. Já foi dito que os chineses sofreram de reides e razias por bastante tempo, para tentar se proteger e não fortalecer o exército dos saqueadores inimigos.[54] Para a pesquisadora, era um motivo muito plausível para um estado fundamentalmente bélico.[55]

Utilizando-se da mesma fonte supracitada, outra possível motivação para a invasão mongólica na China é a criação de um inimigo externo, para que as instabilidades internas pudessem ser revertidas ao combater um inimigo externo *e* comum.[56] Foi comentado, anteriormente, que não havia uma centralidade presente na cultura e política mongol. Eles se organizavam de maneira descentralizada e dividida, com diferentes tribos, as quais se aliavam e quebravam essa aliança de acordo com seus interesses.

Após a unificação das tribos mongólicas sobre um só estandarte, de Gêngis Khan, não haviam mais as comuns guerras clânicas entre as tribos nômades mongólicas. Essas tribos recém unificadas tinham um histórico bélico extenso, o estado de guerra era comum para elas. Assim, como o líder desse recém formado estado mongol acalmaria os ânimos dos líderes tribais? Uma das hipóteses levantadas por Elaine foi a de invadir um estado externo, um inimigo que pudesse ser combatido fora de seu território. Essa estratégia pode ser observada em outras situações semelhantes, em cenários com estados independentes e bélicos ao serem unificados (ou unindo-se sob um estado apenas). Podemos perceber essa política nos estados germânicos. Ao se unirem como Reino da Prússia, em 1701, governado por Frederico I, no primeiro ano de sua existência o Reino, constituído dos estados germânicos, já se encontrava em guerra. No caso dos mongóis, entre apenas cinco e seis anos depois da formação do Estado mongol, estavam em conflito armado com o império Minyak.

Vemos, então, duas justificativas não excludentes entre si, uma vez que as motivações política e econômica apresentadas podem coexistir. Para Gêngis Khan a

[53] (BARBOSA, 2006, p. 143)
[54] (BARBOSA, 2006, p. 143)
[55] (BARBOSA, 2006, p. 143)
[56] (BARBOSA, 2006, p. 143)

guerra contra os Minyak servia esses dois propósitos: o de obter ferro tão necessário para seu exército crescente e o de estabilizar e acalmar os ânimos dos líderes tribais.

Existiam vários Estados que poderiam servir como inimigo comum, com o intuito explicado por Barbosa, no entanto, poucos tinham minas de ferro, tão requisitado por Gêngis Khan e sua máquina de guerra. Dessa maneira, escapando da tautologia, um mar de opções se abriram para Temujin invadir, porém, o selecionado de maneira estratégica e que correspondiam às necessidades do momento.

Concomitante com tais condições, o que conhecemos atualmente como China estava subdividida em três impérios, já ditos neste presente trabalho. Os *Jin*, o *Minyak* e *Song*. O território compreendido pelos três impérios comportava uma quantidade de população muito superior ao mongol, o que implica em muito material humano em caso de guerra defensiva. A divisão favorecia o invasor, uma vez que dificilmente eles fariam alianças entre si, visto que eram inimigos *quase mortais*. A derrocada de um deles era vantajosa para os outros dois. Por isso, quando os mongóis invadiram o primeiro império, *Minyak*, nada fizeram os outros dois. Devemos levar em consideração também, sem dúvida alguma, as diferenças culturais e étnicas. Os *Jin,* eram *jurchen* (advindos da Manchúria); os *Minyak* eram *tangutes* e o império Song era liderado por uma dinastia *Han*. Essa diferença étnica é muito influente nessas relações entre os três impérios.

Uma terceira possibilidade é a relação hostil que os nômades sempre tiveram com os impérios além da Grande Muralha. Vimos que dinastias chinesas submeteram as tribos mongólicas, ou por domínio direto ou por tributação, através do sistema Cefeng. É sabido, historicamente, que nenhum povo é submetido e não resiste, de diversas maneiras. Além de ser um sinal de poder e dominação, é uma espécie de humilhação não ter sua autonomia respeitada. Observamos através dos escritos apresentados que a família de Temujin, que era nobre, tinha contato direto com essa dominação. Não podemos excluir, através da análise de sua personalidade, que demonstra um comportamento extremamente vingativo com traidores, inimigos que não respeitam os tratados e assim por diante, a possibilidade da invasão da China ser motivada por uma vingança pessoal e comunal. O interesse em criar a imagem de um inimigo externo, exposto por Barbosa, pode ter encontrado seu alvo em

condições facilitadas por um histórico de rivalidade e conflitos entre os nômades e os sedentários chineses.

CONCLUSÃO

A partir do exposto, tendo em mente a pergunta motivadora deste trabalho: as motivações para a invasão mongol da China; vemos que as explicações não são únicas. Não há como resumir um processo histórico que, como visto, demorou bastante tempo, desde a unificação das tribos mongólicas até a conquista total dos territórios chineses. A contribuição de Barbosa ao expor a necessidade dos mongóis de obterem ferros para seu exército em expansão e a criação de um inimigo em comum, utilizado para estabilizar internamente as tribos recém unificadas, é indispensável. Como ela própria diz, não são contraditórias e tampouco excludentes.

Este trabalho procurou trazer uma nova tônica para a análise nesta questão específica: a relação diplomática entre os Estados chineses e as tribos mongólicas em um período anterior ao de Temujin; além de tentar elucidar a possibilidade de vingança pessoal. Através dos documentos de Hans Bielenstein, constatamos que havia uma duradoura relação entre os dois mundos. Principalmente no sistema Cefeng, o qual tinha como objetivo assegurar a soberania dos imperadores chineses. Dessa maneira, os mongóis não eram alheios aos sedentários para além da Grande Muralha, inclusive, esta foi construída para *proteger* os chineses de razias. Unindo a explicação de Barbosa, principalmente a segunda, de um inimigo externo, os estados chineses poderiam ser os primeiros, uma vez que eles já eram inimigos e as relações diplomáticas entre eles não eram amigáveis.

A personalidade pessoal de Temujin, como os relatos pessoais dos viajantes e do cronista Rashid al-din, é tumultuosa: um líder rodeado de pessoas capazes, as quais ele seguia seus conselhos frente suas vontades pessoais, também um homem que conviveu desde sua infância com a violência, morte e principalmente traição. Após se tornar o líder de todas as tribos mongólicas, ele deixou bem explícito que jamais toleraria traição, punindo-a com morte, independente de quem seja, inclusive parentes. A decisão de invadir *Minyak* partiu de uma decisão racional e estratégica, compartilhada por seus conselheiros? Ou partiu da individualidade de Temujin? Tendemos, posteriormente as análises feitas, a crer na primeira opção. Apesar de ser

uma pessoa centralizadora, sem dúvida alguma, por tradição mongol, as decisões de invadir e declarar guerra passava pelos *Qurultai*. Outras decisões importantes passaram por essa instituição secular. Em sua maioria, as decisões relacionadas à guerra eram decididas no *Qurultai*, para só depois ser implementada de fato. Inicialmente era definido o alvo, depois a estratégia utilizada.

A invasão do espaço compreendido atualmente como China por parte dos mongóis, assim, foi motivada pelos já especificados fatores econômicos e políticos. Agora, a prévia relação diplomática tumultuosa, no mínimo, entre os mongóis e os chineses, é mais um motivo a ser considerado. Sendo um facilitador para a decisão final de invadir um Estado estrangeiro. Um inimigo externo em comum era necessário, teoricamente já existia um, nas fronteiras da área ocupada pelas tribos mongóis. Esse inimigo era, acima de tudo, dominador. A postura dos Estados chineses era dominadora, não no sentido de dominação e anexação, mas de fazer com que 'os bárbaros' nômades prestem as homenagens ao Imperador e reconheça a superioridade dele.

A relação hostil entre os dois povos, de maneira generalizada, não é o único fator, sem dúvida alguma. Porém, como dito anteriormente, é um catalisador para a formação de uma relação ainda mais hostil e de guerra direta, e não apenas razias advindas dos nômades e dominação através do *Cefeng*, por parte dos chineses.

BIBLIOGRAFIA

AMITAI, R.; BIRAN, M. (Eds.). **Mongols, Turks, and Others:** Eurasian Nomads and the Sedentary World. 1ª. ed. Leiden: Brill, 2005.

BARBOSA, E. S. Gêngis Khan e as Conquistas Mongóis. In: MAGNOLI, D. **História das Guerras**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 131-162.

BARFIELD, T. J. **The Nomadic Alternative**. 1ª. ed. Nova Jersey: Apprentice Hall, 1993.

BIELENSTEIN, H. **Diplomacy and Trade in the Chinese World:** 589-176. 1ª. ed. Boston: Brill Academic Pub, 2005.

BUELL, P. D. **The A to Z of the Mongol World Empire**. 1ª. ed. Plymouth: The Scarecrow Press, Inc, 2010.

CARPINI, G. D. **The Story of The Mongols Whom We Call Tartars**. Boston: Branden Publishing Company Inc., 1996.

DREWS, R. **EARLY RIDERS:** The beginnings of mounted warfare in Asia and Europe. 1ª. ed. Nova Iorque: Routledge, 2004.

FAIRBANK, J. K. (Ed.). **The Chinese World Order**. 1ª. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

FRANKE, H.; TWITCHETT, D. (Eds.). **The Cambridge History of China:** Alien regimes and border states, 906-1368. Oxford: Cambridge University Press, v. VI, 2008.

GABRIEL, R. A. **Subotai The Valiant:** Genghis Khan Greatest General. 1ª. ed. [S.l.]: Praeger Publishers, 2004.

GROUSSET, R. **The Empire of The Steppes:** A History of Central Asia. 1ª. ed. Nova Jersey: Rutgers University Press, 1970.

HARTOG, L. D. **Genghis Khan:** Conqueror of the World. Londres: Tauris Parke Paperbacks, 2004.

HARTWELL, R. A Revolution in the Chinese Iron and Coal Industries During the Northern Sung, 960-1126. **The Journal of Asian Studies**, 2, n. 12, Fevereiro 1962. 153-162.

HOÀNG, M. **Gêngis Khan**. 1ª. ed. São Paulo: Globo, 2002.

KEEGAN, J. **A History of Warfare**. 1ª. ed. Nova Iorque: Vintage Books, 1994.

LAMB, H. **Genghis Khan:** Emperor of All Men. Londres: Thornton Butterworth, 1936.

LEE, J.-Y. **China's Hegemony:** Four Hundred Years of East Asian Domination. 1ª. ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 2016.

MAN, J. **Genghis Khan:** Life, Death, and Ressurection. 1ª. ed. Londres: Bantam Press, 2004.

MAN, J. **The Mongol Empire:** Genghis Khan, His Heirs and the Founding of Modern China. 1ª. ed. Londres: Transworld Publishers, 2016.

MAY, T. **The Mongol Art of War:** Chinggis Khan and the Mongol Military System. 1ª. ed. Barnsley: Pen & Sword Military, 2007.

MCLYNN, F. **Genghis Khan:** His Conquests, His Empire, His Legacy. Boston: Da Capo Press, 2015.

MORGAN, D. **The Mongols**. 1ª. ed. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1986.

PALAZZO, C. L. RELATOS OCIDENTAIS SOBRE OS KHANATOS MONGÓIS: PIAN DI CARPINE E RUBRUCK (SÉCULO XIII). **Revista Signum**, 12, 2011. 123-138.

RACHEWILTZ, I. D. **The Secret History of the Mongols:** A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteen Century. 1ª. ed. [S.l.]: University of Wisconsin - Madison, 2015.

ROSSABI, M. (Ed.). **China among Equals:** The Middle Kingdom and Its Neighbors, 10th–14th Centuries. 1ª. ed. Londres: University of California Press, 1983.

ROSSABI, M. **Khubilai Khan:** His Life and Times. 1ª. ed. California: University of California Press, 1988.

RUBRUCK, W. O. **The Journey of William of Rubruck to the Eastern Parts of the World:** 1253-55. 1ª. ed. Londres: The Hakluyt Society.

SCHURMANN, H. F. Mongolian Tributary Practices of the Thirteenth Century. **Harvard Journal of Asiatic Studies**, [S.l.], 19. 304-389.

SVERDRUP, C. F. Numbers in Mongol Warfare. **Medieval Military History**, Cambridge, 12 Setembro 2012. 109-117.

SVERDRUP, C. F. **Mongol Conquests:** The Military Operations of Genghis Khan and Sübe'etei. 1ª. ed. Warwick: Helion & Company, 2017.

TAI, M. **China and Her Neighbours:** Asian Diplomacy from Ancient History. 1ª. ed. Londres: Zed Books, 2019.

TURNBULL, S. **The Mongols**. 1ª. ed. Oxford : Osprey Publishing, 1980.

TURNBULL, S. **Genghis Khan & the Mongol Conquests:** 1190-1400. 1ª. ed. Oxford: Osprey Publishing , 2003.

WRIGHT, D. C. The Encyclopedia of War. In: MARTEL, G. **The Encyclopedia of War**. [S.l.]: Wiley-Blackwell, 2012.

ZHENPING, W. **Tang China in Multi-Polar Asia**. 1ª. ed. [S.l.]: University of Hawai'i Press, 2013.